



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS SÃO JOÃO DO PIAUÍ
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

JACIANE PEREIRA RODRIGUES

USOS POTENCIAIS DO ANGICO-PRETO (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan)
EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO JOÃO DO PIAUÍ

SÃO JOÃO DO PIAUÍ – PI

2025

JACIANE PEREIRA RODRIGUES

USOS POTENCIAIS DO ANGICO-PRETO (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan) EM
UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO JOÃO DO PIAUÍ

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus São João do
Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo da Silva Rodrigues
Coorientadora: Prof^a. Dr^a Karen Veloso Ribeiro

SÃO JOÃO DO PIAUÍ – PI

2025

JACIANE PEREIRA RODRIGUES

USOS POTENCIAIS DO ANGICO-PRETO (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan) EM
UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO JOÃO DO PIAUÍ

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus São João do
Piauí.

USOS POTENCIAIS DO ANGICO-PRETO (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan)
EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO JOÃO DO PIAUÍ

Jaciane Pereira Rodrigues¹
Karen Veloso Ribeiro²
Rodrigo da Silva Rodrigues³

RESUMO

É por meio do saber local, que os conhecimentos sobre as plantas medicinais vêm sendo usadas, pela população do campo, como o principal meio de tratamento das enfermidades. Nesse contexto, objetivou-se apresentar o potencial medicinal do angico-preto (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), sob a percepção de uma comunidade quilombola, situada no município de São João do Piauí. A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Curral Velho, no município de São João do Piauí. Possui caráter exploratória, natureza

¹ Discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal do Piauí – Campus São João do Piauí – PI. Casjp.20211s021527@aluno.ifpi.edu.br

² Docente do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí. E-mail: karenvelosoribeiro@gmail.com

³ Docente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal do Piauí – Campus São João do Piauí – PI. rodrigo.rodrigues@ifpi.edu.br

qualiquantitativa e etnográfica. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, a partir da aplicação de formulários contendo questões abertas e fechadas, sobre o tema, além de registros fotográficos, gravadores de voz e diário de campo. A amostra foi delimitada por meio da calculadora amostral Comento, com erro amostral de 5% e nível de confiança 90%. Sendo assim, foram entrevistados 94 quilombolas que apresentavam idade igual ou superior a 18 anos. Foi observado, que a maior parte dos voluntários do estudo (87 entrevistados) faz uso da *A. colubrina*, 50 participantes fazem uso frequente e 85 aprendeu a manusear e utilizar a planta com os pais, sendo utilizada para inflamação, febre, gripe e tosse. As partes da planta utilizada nos preparados caseiros consistem na casca e entrecasca, e estas são usadas na forma de chá. Durante as entrevistas, os participantes demonstraram conhecimento sobre a flora local e seus benefícios, o que possibilitou o registro dos saberes tradicionais sobre *A. colubrina*.

Palavras-chave: Etnobotânica; Planta medicinal; Comunidade quilombola.

ABSTRACT

It is through local knowledge that knowledge of medicinal plants has been used by rural populations as the primary means of treating illnesses. In this context, the objective was to present the medicinal potential of angico-preto (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan) from the perspective of a quilombola community located in the municipality of São João do Piauí. The research was conducted in the quilombola community of Curral Velho, in the municipality of São João do Piauí. It is exploratory, qualitative, quantitative, and ethnographic in nature. Data were collected through semi-structured interviews using forms containing open- and closed-ended questions on the topic, as well as photographic records, voice recorders, and a field diary. The sample was defined using the Comento sample calculator, with a sampling error of 5% and a 90% confidence level. Therefore, 94 quilombolas aged 18 or older were interviewed. It was observed that most of the study volunteers (87 interviewees) use *A. colubrina*. Fifty participants use it frequently, and 85 learned how to handle and use the plant from their parents. It is used for inflammation, fever, flu, and cough. The parts of the plant used in homemade preparations consist of the bark and inner bark, which are used in tea. During the interviews, participants demonstrated knowledge of the local flora and its benefits, which allowed for the recording of traditional knowledge about *A. colubrina*.

Keywords: Ethnobotany; Medicinal plant; Quilombola community.

Data da aprovação: 17/07/2025

1 INTRODUÇÃO

A Etnobiologia procura desvendar a conexão existente entre os recursos naturais e o ser humano. De acordo com Berlin (1992), o conceito adequado para essa área de estudo, ainda é um tanto complexo, visto que se entrelaça fortemente com disciplinas biológicas e humanitárias. No entanto, ela vem sendo definida, como o campo voltado para a investigação das interações entre plantas e animais, com as sociedades humanas, atuais e passadas (Berlin, 1992).

Dentro da Etnobiologia tem-se a Etnobotânica. Essa pode ser definida, como o ramo da ciência que estuda sincronicamente as relações existentes, entre o homem e as plantas, assim como, os conceitos desenvolvidos por sociedades humanas, em relação ao mundo vegetal (Amorozo,1996). Em conformidade com a mesma autora, esta subárea do conhecimento se encarrega de manusear o significado cultural do saber local, bem como, os usos tradicionais relacionados aos elementos da flora.

A Etnobotânica, ao estudar o uso de plantas medicinais pelas comunidades tradicionais, pode fornecer dados úteis para a elaboração de estudos farmacológicos, agrônômicos e fitoquímicos (RODRIGUES, *et al.*, 2021). A coleta de informações referente ao uso desta categoria de planta tem possibilitado não só o conhecimento sobre o tema, como também a avaliação dos benefícios que elas proporcionam, permitindo ainda, a sua identificação (Carvalho *et al.*, 2020).

É por meio do saber local, que os conhecimentos sobre as plantas medicinais vêm sendo usadas, pela população do campo, como o principal meio de tratamento das enfermidades (CRUZ *et al.*, 2022). Foi pela experimentação realizada pelos povos primitivos, que determinadas propriedades terapêuticas tiveram seus valores descobertos e difundidos (Pereira *et al.*, 2016). Sendo assim, os saberes sobre essas espécies acabam simbolizando, muitas vezes, o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos (Bohm; Oliveira, 2022).

A aquisição do conhecimento tradicional/local sobre o uso de plantas medicinais, normalmente, ocorre de maneira empírica, por meio da verbalização, de geração em geração (Cerqueira *et al.*, 2020). Entretanto, fatores como o afastamento da tradição da agricultura familiar e o êxodo rural, tem contribuído para o declínio das tradições populares.

O bioma Caatinga apresenta uma área de 844.453 km² e possui um número significativo de espécies endêmicas. Sua área corresponde a 54% da Região Nordeste, abrangendo 11% do território brasileiro. Os estados pertencentes ao bioma são: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e o norte de Minas Gerais (MMA,2019).

A Caatinga corresponde a um conjunto de paisagens homogêneas, embora frequentemente seja retratada na mídia como um ambiente de agreste, com terras secas e escassez de água. No entanto, há também áreas de terras altas, frias e com abundância de água, além de vegetação composta por plantas de grande porte (ICMBIO, 2018). Sua flora é surpreendente, diversa e singular, composta por aproximadamente 1.000 espécies, das quais 318 são endêmicas (ISPN, 2019). Toda essa diversidade vegetal sustenta, há gerações, formas tradicionais de conhecimento e uso das plantas pelas populações locais.

Nesse contexto, a Etnobotânica refere-se ao conhecimento tradicional, local e popular sobre as plantas. Tem como propósito o resgate e a valorização desses saberes, relacionados aos usos, manejos e interações com o ambiente (FORD, 1978).

Diegues (1996) afirma, que a conexão entre o homem e a natureza estão fixas nas atividades produtivas e nas representações simbólicas do meio ambiente, essas comunicações permitem que tais sociedades acumulem conhecimentos sobre os recursos naturais, em suas respectivas comunidades.

O Plano Global de Medicina Tradicional da Organização Mundial da Saúde (OMS) para 2025–2034, aprovado em maio de 2025, durante a 78ª Assembleia Mundial da Saúde, reconhece a importância da medicina tradicional, promovendo o desenvolvimento de evidências científicas, diretrizes regulatórias e a integração segura dessas práticas aos sistemas de saúde convencionais, especialmente quando associadas a saberes indígenas e à biodiversidade local (WHO, 2025).

No Brasil, aproximadamente 20% da população consome medicamentos industrializados e o restante encontra a sua maior fonte de recurso terapêutico, nos produtos de origem natural, especialmente, nas plantas medicinais (Horta; Marcelo Neto, 2019). Sendo assim, as plantas medicinais representam um importante recurso nos cuidados com a saúde, de modo a contribuir significativamente na atenção primária à saúde (Nogueira Sobrinho *et al.*, 2021).

As plantas são usadas com a finalidade de prevenir, curar ou aliviar os sintomas das doenças, tendo os vegetais, um papel importantíssimo na história da humanidade para o tratamento de diversas doenças (Hohmer, 2002).

Carvalho (2003) afirma ainda, que *A. colubrina* (Vell.) Brenan é conhecida como angico em todo o Brasil e que em cada estado possui um nome popular. Em Pernambuco e no Piauí, por exemplo, é chamada de angico-de-carço.

Estudos realizados na América Latina relatam que comunidades da Argentina, Venezuela e Bolívia utilizam este vegetal para diversos fins terapêuticos, utilizando-o também como alucinógeno, em rituais religiosos (Hilgert, 2001; Rodd, 2002; Dante Angelo; Capriles, 2004; Macía; García; Vidaurre, 2005). Apesar de ser uma espécie encontrada na Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, a *A. colubrina* (Vell.) Brenan não é uma espécie exclusiva do Brasil.

Por conter várias utilidades, o angico-preto é alvo de grande pressão extrativista devido suas propriedades medicinais e presença de mercado consumidor no Nordeste. (Albuquerque;

Andrade, 2002). Sendo assim, a ausência de cultivo e o excesso de consumo pode contribuir para a extinção dessa planta (Albuquerque; Andrade, 2002).

Considerando, que a retomada de antigos saberes de culturas passadas e a incorporação de novas práticas, no tocante ao manuseio e uso das plantas medicinais, tem possibilitado a revalorização da Etnobotânica, este estudo é socialmente relevante, pois resgata e valoriza o conhecimento empírico sobre os usos terapêuticos de espécies vegetais tradicionais (a exemplo de *A. colubrina* (Vell.) Brenan), tendo em vista, que o uso de plantas medicinais ultrapassa gerações e tem resultados eficazes, ainda que seja de base popular.

Neste contexto, estudar as propriedades do angico-preto (*A. colubrina* (Vell.) Brenan) são de grande relevância para a comunidade local e científica, por esclarecer dados relevantes sobre a atividade biológica e terapêutica da planta. Sendo assim, faz-se necessário compreender a história e as práticas de uso desta planta medicinal, uma vez que o conhecimento popular sobre esta espécie poderá auxiliar na confirmação de informações subjacentes, por ser conhecido e utilizado por populações tradicionais/locais.

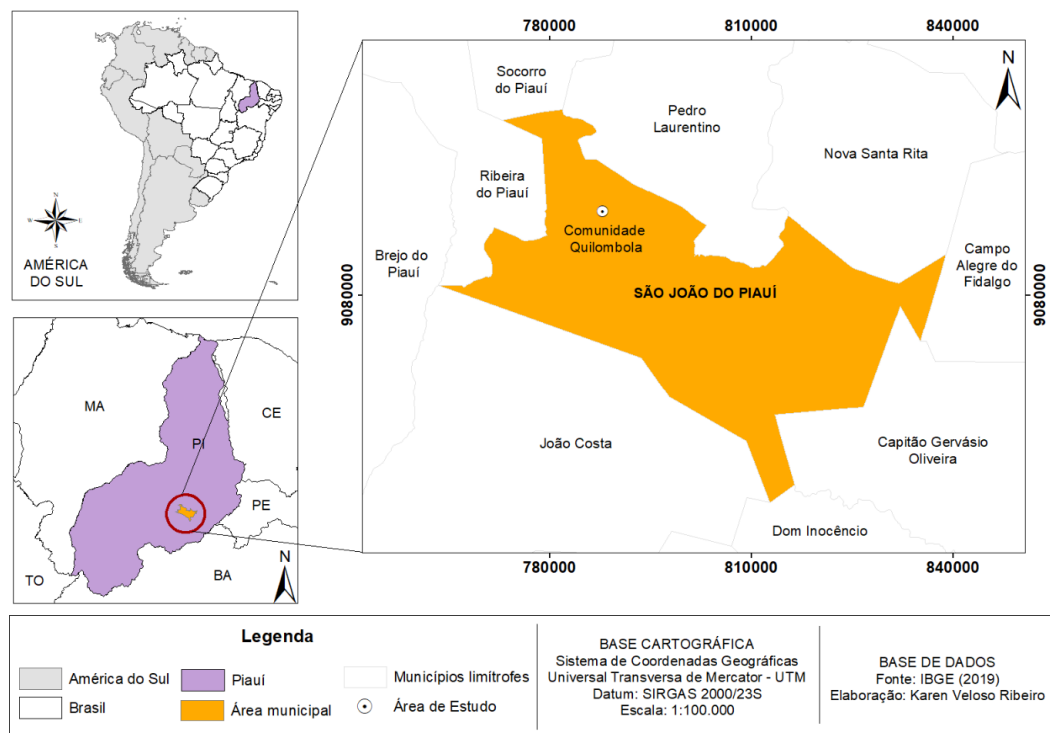
Diante disso, objetivou-se apresentar o potencial medicinal do angico-preto (*A. colubrina* (Vell.) Brenan), com ênfase no conhecimento ancestral sobre suas propriedades e práticas terapêuticas desenvolvidas pela comunidade quilombola Curral Velho, no município de São João do Piauí.

2 METODOLOGIA

2.1 ÁREA DE ESTUDO

O presente estudo foi realizado na comunidade quilombola Curral Velho, estando situada a 35 quilômetros da sede municipal de São João do Piauí (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização da comunidade quilombola Curral Velho, situada no município de São João do Piauí, Brasil.



Fonte: IBGE (2019), modificado por RIBEIRO, K. V. em 2023.

A comunidade quilombola possui 200 moradores. A mesma fica estabelecida à margem direita do rio Piauí, estando localizada no sul do Estado. O local possui alguns espaços, nos quais são frequentados/utilizados pelas pessoas que residem no quilombo, a exemplo de uma escola municipal, a qual encontra-se inativa para educação, servindo apenas para a equipe de vacinação, visita médica, apoio em época de eleição e reuniões mensais da associação da comunidade (Associação dos Pequenos Produtores Rurais Quilombolas da comunidade Curral Velho) e da associação geral, que engloba todas as comunidades (Associação Territorial Riacho dos negros).

A comunidade contém também dois campos de futebol, duas quadras (sendo uma de areia) e dois salões de festas. Esses espaços são usados para a organização de campeonatos, festividades culturais regionais e divertimentos.

A religião é um ponto importante para a comunidade. As festividades promovidas pela igreja católica em comemoração à Nossa Senhora Aparecida ocorrem no mês de outubro. Entre as manifestações religiosas, se destaca o batuque, cuja organização possui uma sede onde o grupo se reúne para ensaios e reuniões para tratar de assuntos relacionados às pessoas que compõem o grupo (Batuque do Curral Velho), reconhecido como patrimônio cultural vivo pelo estado do Piauí.

2.2 MODALIDADE DE PESQUISA

Quanto ao propósito da pesquisa, a mesma é de caráter exploratória. De acordo com Gil (2017), este tipo de pesquisa tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito.

Quanto a natureza dos dados, esses se configuraram como qualitativos, visto que, a partir dos dados quantitativos obtidos foi possível debater qualitativamente, as informações coletadas. Vale salientar, que os mesmos foram recolhidos por meio de pesquisa de campo, na comunidade quilombola foco da pesquisa.

A pesquisa se caracteriza como etnográfica (GIL, 2017). Em conformidade com este autor, a pesquisa etnográfica tem origem na Antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica, tais como comportamentos, crenças e valores, baseada em informações coletadas mediante trabalho de campo. Tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas em profundidade e observação participante.

2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Inicialmente foi o contato do pesquisador com os moradores da comunidade quilombola por meio da técnica de “rapport” (Bernard, 1988), cuja finalidade é assegurar os dados coletados e ganhar a confiança do entrevistado (Albuquerque; Lucena; Lins Neto, 2010). Em seguida foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Bernard, 2006) com os moradores da localidade, a partir da aplicação de formulários contendo questões abertas e fechadas, sobre as práticas terapêuticas utilizadas pelo público-alvo. Vale ressaltar, que além das entrevistas e formulários aplicados, fotografias e gravadores de voz também foram empregados para consolidar e enriquecer a pesquisa.

Outro instrumento utilizado foi o diário de campo (Silva, 2000). Esta ferramenta permitiu registrar todos os acontecimentos ocorridos durante o dia de trabalho, bem como as percepções e conclusões acerca dos sistemas culturais e das pessoas com as quais foram mantidas contato. De acordo com Amorozo e Vietler (2010), o envolvimento entre pesquisador e o grupo pesquisado em suas atividades diárias, torna-se relevante por permitir um aprendizado mais profundo sobre o modo de vida, as ideias e as motivações dos sujeitos da pesquisa.

No que concerne ao material botânico selecionado para fazer parte da pesquisa, o mesmo foi coletado, identificado, processado e herborizado com base na metodologia usual de Mori *et al.* (1989). A identificação foi feita com o auxílio de chaves de identificação taxonômica, por

técnicas de comparação ou ainda por taxonomistas sendo, a posteriori, depositados no Herbário Graziela Barroso (TEPB), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), para servir de material testemunho do presente estudo (voucher). O sistema de classificação adotado para o grupo das dicotiledôneas foi Cronquist (1981), cujo nome do táxon vegetal foi atualizado de acordo com a plataforma eletrônica do *International Plant Names Index* (IPNI, 2018).

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

A exploração e a descrição das respostas obtidas foram analisadas qualitativa e quantitativamente, por meio da explanação de cálculos percentuais. Tais dados subsidiaram a construção de ilustrações, quadros e tabelas, auxiliando na discussão dos resultados encontrados.

2.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com os quilombolas da comunidade Curral Velho, do município de São João do Piauí, que apresentaram idade igual ou superior a 18 anos. A amostragem foi delimitada por meio da calculadora amostral Comento (2025), com erro amostral de 5% e nível de confiança 90%. De acordo com o cálculo realizado por meio dessa ferramenta, comunidades que apresentam um quantitativo de 200 moradores, 94 residentes é o mínimo necessário, para que a amostra seja considerada suficiente.

2.5.1 Aspectos éticos da pesquisa

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (CEP/UFPI) e consubstanciada pelo número de parecer 7.478.603, em virtude de o estudo envolver a participação de seres humanos, obedecendo assim, ao que é preconizado pela Resolução N° 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Vale salientar, que foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, aos que concordaram em participar da pesquisa, ficando uma de posse do entrevistado e a outra do pesquisador.

O estudo também foi cadastrado junto a plataforma do Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional (SisGen), sob número de cadastro

ACCE763, cumprindo com as exigências da Lei Nº 13.123 de 20 de maio de 2015 e o Decreto Nº 8.772 de 11 de maio de 2016.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com 94 pessoas, sendo 59 participantes do gênero feminino e 35 do masculino, com idade igual ou superior a 18 anos, conforme Tabela a seguir.

Tabela 1: Dados socioeconômicos dos participantes da pesquisa da comunidade quilombola Curral Velho, localizada no município de São João do Piauí, Brasil.

Variável	Categoria	Frequência
Idade	18 a 24 anos	20
	25 a 59 anos	27
	Acima de 60 anos	47
Estado civil	Solteiro(a)	23
	Casado(a)	18
	Divorciado(a)	01
	Viúvo(a)	22
	União estável	40
Renda	(1) Salário	29
	(-1) Salário	47
	(+1) Salário	18
Escolaridade	Sem escolaridade	14
	Ens. Fund. Incompleto	29
	Ens. Fund. Completo	15
	Ens. Méd. incompleto	14
	Ens. Méd. completo	22

Fonte: elaborada pela autora em 2025.

Com base na variável gênero, observou-se maior participação das mulheres na pesquisa, em relação aos homens. Esse dado pode estar associado a participação das mulheres no cuidado de seus lares. Quanto à faixa etária, a mais representativa é a categoria idosa (47 participantes), seguida de adultos (27 participantes) e jovens (20 participantes).

Sobre o estado civil, a maioria declarou que vive em união estável, totalizando 40 pessoas. Os solteiros somam 23 participantes, os viúvos 22, os casados 18 e apenas 1 afirma

ser divorciado. No tocante a renda, a grande maioria (47 participantes) percebe menos de um salário mínimo e em relação a escolaridade, 29 pessoas não concluíram o ensino fundamental e 22 completaram o ensino médio.

Relativo aos dados e saberes etnobotânicos da comunidade quilombola sobre o uso da *A. colubrina* 87 participantes afirmaram que já fizeram uso da espécie e 50 fazem uso de forma frequente (Tabela 2).

Tabela 2 - Dados etnobotânicos sobre a espécie *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan (Angico-preto) por parte da comunidade quilombola Curral Velho, no município de São João do Piauí, Brasil.

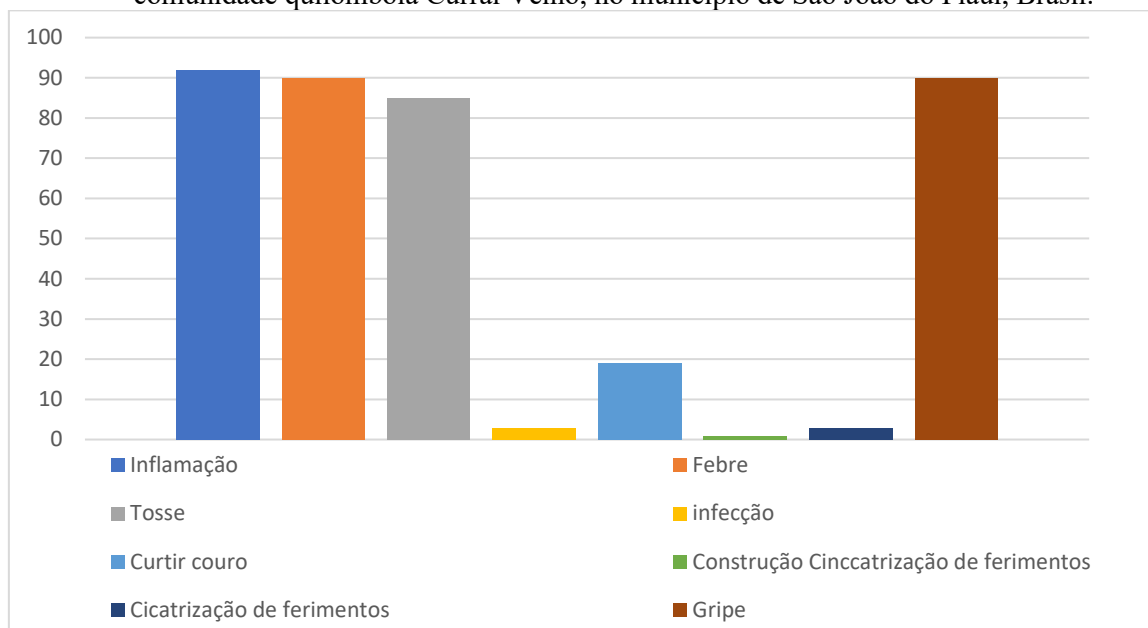
Variável	Categoria	Frequência
Já fez uso?	Sim	87
	Não	7
Com que frequência?	Raramente	17
	As vezes	28
	Frequentemente	50
Consome atualmente?	Sim	81
	Não	13
Consome	Por hábito	17
	Para curar enfermidades	68
	Como tratamento alternativo	9
Com que aprendeu manusear?	Mãe/pai	85
	Avó/avô	5
	Amigos e vizinhos	4
A planta é encontrada na comunidade?	Sim	94
	Não	0
Já indicou para alguém?	Sim	72
	Não	22
Já doou para alguém?	Sim	67
	Não	27

Fonte: Autoria própria, 2025.

Importante destacar também, que 81 participantes consomem estruturas da planta *A. colubrina* para curar enfermidades e 85 dos 94 entrevistados aprendeu a manusear e utilizar a planta com os pais ou com os avós (5 entrevistados), o que demonstra a força da oralidade como forma de transmissão da cultura e saberes locais.

Dentre os principais usos feitos pela comunidade quilombola, a espécie é utilizada no tratamento de inflamação (92 citações), febre (90 citações) e gripe (90 citações) (Figura 2).

Figura 2: Principais usos da *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan (Angico-preto) pela comunidade quilombola Curral Velho, no município de São João do Piauí, Brasil.



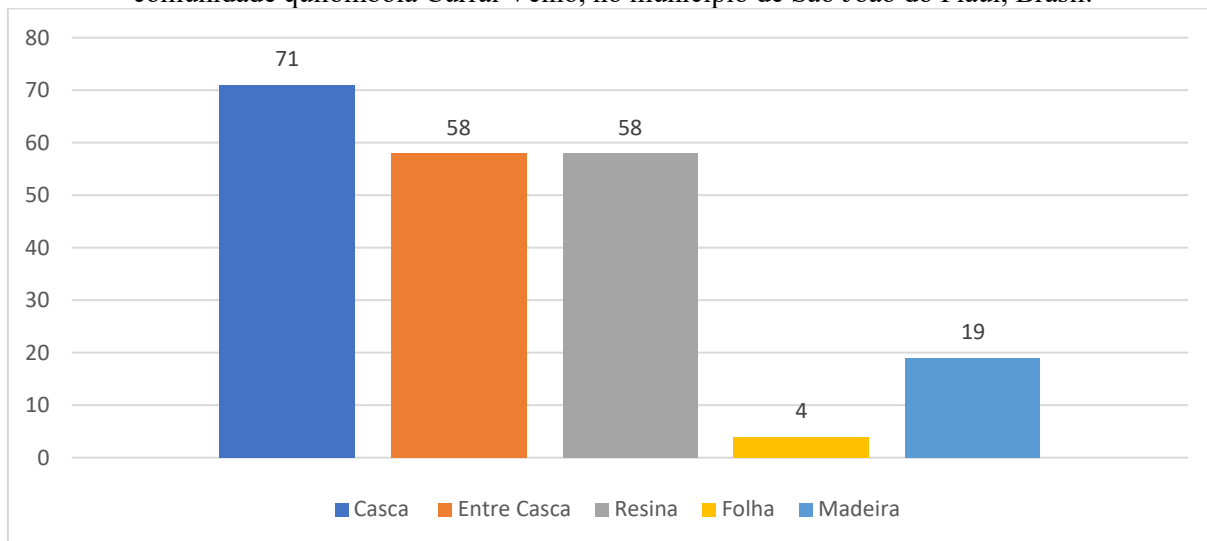
Fonte: elaborado pela autora em 2025.

O angico-preto é uma planta importante para as pessoas que residem em comunidades tradicionais, não só pelas propriedades medicinais, mas também pelo fato de ser utilizada como recurso civil, madeireiro e vestuário, a citar construção de casas, produção de lenha e curtir couro (Saldias, 1993).

De acordo com Albuquerque e Andrade (2002), a *A. colubrina* (Vell.) Brenan é uma das plantas medicinais mais utilizadas pela população, sendo popularmente utilizada para tratar tosse e bronquite (Agra *et al.*, 2007; Agra *et al.*, 2008), gripe (Almeida *et al.*, 2006), diarreia (Carvalho, 2002), inflamação e cicatrização de tecidos (Araújo *et al.*, 2008).

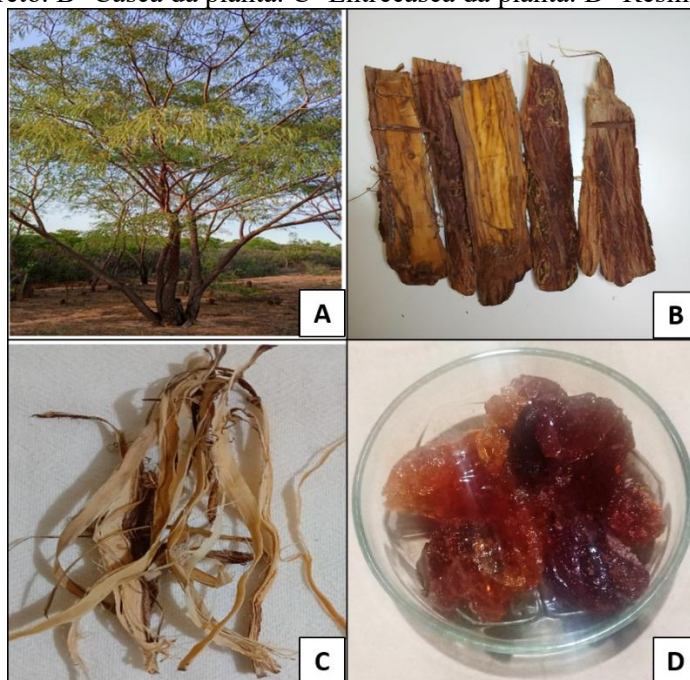
No que diz respeito as partes da planta utilizadas para os preparados caseiros, destacam-se as cascas (71% de citações), entrecascas (58% de citações) e resinas (58% de citações) (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Partes utilizadas da *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan (Angico-Preto) pela comunidade quilombola Curral Velho, no município de São João do Piauí, Brasil.



Fonte: elaborado pela autora em 2025.

Figura 4: Partes utilizadas da *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan (Angico-Preto) pela comunidade quilombola Curral Velho, no município de São João do Piauí, Brasil. A- Hábito do Angico-preto. B- Casca da planta. C- Entrecasca da planta. D- Resina da planta.



Fonte: elaborado pela autora em 2025.

Em geral, 58% dos participantes utilizam a casca e entrecasca para fazer chás e lambedor. Além disso, 4% utilizam as folhas para cuidar de ferimentos, enquanto 19% das pessoas entrevistadas usam a madeira para construções civis, fazer roças e lenha para preparar as refeições diárias.

Em conformidade com Agra *et al.* (2007), as raízes e as cascas da *A. colubrina* também pode ser preparadas na forma de garrafadas. Este preparado é feito com partes das estruturas das plantas (raízes e cascas), as quais são imersas em um recipiente contendo bebida alcoólica ou água, deixando-o descansar durante três dias ou por uma semana. Após esse processo, a garrafada está pronta para ser ingerida.

A *A. colubrina* ainda pode ser preparada na forma de lambedor (xarope). Este pode ser preparado com mel e açúcar adicionados à casca da planta.

No momento da coleta de informação sobre a flora, uma pessoa de 69 anos pontuou que “*o chá da casca e da entrecasca do angico-preto é muito bom pra muita coisa, principalmente pra tosse seca, gripe e inflamação na garganta*” e finalizou dizendo “*tudo isso eu aprendi com minha mãe e minha avó*”.

Segundo Ribeiro *et al.*, (2002) e Galizoni (2000), os saberes naturais são repassados de geração em geração, fortalecendo a manutenção dos saberes locais.

A pesquisa de Agra *et al.* (2007) revelou, que a flora com maior número de menções pelos moradores que vivem em comunidades tradicionais, onde tem espécies nativas com propriedades medicinais, foi a *A. colubrina* (Vell.) Brenan.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo realizado na comunidade quilombola Curral Velho, localizada na cidade de São João do Piauí, concluiu-se que a *A. colubrina* (Vell.) Brenan (Angico-preto) possui propriedades medicinais que auxilia no tratamento de diversas enfermidades.

Depreendeu-se ainda, que a população tradicional possui notório saber sobre a planta, pois utilizam diversas partes nos preparados caseiros, sobretudo para o tratamento de doenças que acometem o trato respiratório e imunológico.

Pesquisas com comunidades tradicionais resgatam e mantêm os saberes tradicionais que perpassam as gerações, sendo imprescindível para o fortalecimento de ações terapêuticas e valorização do conhecimento popular.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Carolina de; SAMPAIO, Lorena Amorim. Usos de espécies de oxalidácea e registradas em trabalhos etnobotânicos no Piauí. **Journal of Geospatial Modelling**, v. 3, n. 1, p. 75-79, 2023.

AMORIM, Luciclaudio Cassimiro de; SILVA, Paloma Maria da; SILVA, Maria Vanusa da. Uso de plantas medicinais: histórico e relevância. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. 1-11, 2021.

ANGELO, Souto de Santana. **Eficiência micorrízica em espécies de plantas medicinais da caatinga em diferentes substratos**. Dissertação (Mestrado em Biologia de Fungos). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

BEGOSSI, Alpina; FISHERIES and Food Institute (FIFO), Campinas, SP, Brasil; CAPESCA (LEPAC, PREAC) e CMU, CP6023, Unicamp, Campinas, SP, Brasil.

BRANCO, Carlos Castel; **Recursos naturais e desenvolvimento**. 2017.

CRUZ, Messias Gonsalves; JUNIOR, Manoel Leão Lopes; FREITAS, Manolo Cleiton Costa de; FREITAS, Ana Carolina Gomes de Albuquerque de; SANTOS, Lourivaldo da Silva; PINHEIRO, Wandeson Braamcamp de Zousa; Silva, Luely Oliveira da; ARAUJO, Railda Neyva Moreira; CRRÊA, Marivaldo José Costa. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na Comunidade Guajará de Carapajó, Cametá-PA. **Open Science Research VII**, v. 7, 2022.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo, 2001.

FERNANDES, José Martins; LOPES, Célia Regina Araújo Soares; ALMEIDA, Anderson Alex Sandro Domingos de; OLIVEIRA, Débora Bahia. *Anadenanthera colubrina* var. *cebil* (FABACEAE): morfologia, uso na medicina popular e proibição em produtos tradicionais fitoterápicos no Brasil. **SAJES – Revista da Saúde da AJES**, v. 9, n. 17, p. 46 – 55, 2023.

NASCIMENTO FILHO, Edvaldo José do Nascimento; BARBOSA, Victória Dantas da Rocha.

GARIGLIO, Maria Auxiliadora; SAMPAIO, Everardo Valadares de Sá Barretto; CESTARO, Luis Antônio; Kageyama, Paulo Yoshio. **Uso Sustentável e Conservação dos Recursos Florestais da CAATINGA**. Brasília/DF, Serviço Florestal Brasileiro, 2010.

HOEFFEL, J. L. M.; GONÇALVES, N. M.; FADINI, A. A. B.; SEIXAS, S. R. C. Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas APAs Cantareira/SP e Fernão Dias/MG. **Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade**, v. 1, p. 1–25, 2011.

LOPES, P. F. M.; SILVANO, R.; BEGOSSI, A. Da Biologia a Etnobiologia – Taxonomia e Enotaxonomia, Ecologia e Etnoecologia. In: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. (org.). **A Etnozootologia no Brasil: Importância, Status atual e Perspectivas**. 1. ed. Recife, PE: NUPEEA, p. 67-94, 2010.

LOPES, Priscila Fabiana Macedo; Fisheries and Food Institute (FIFO), Campinas, SP, Brasil; **Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia**, CB, UFRN, Natal, RN, Brasil.

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO DA CAATINGA. **Manual de Boas Práticas – Caatinga. Teresina**: IPCA, 2025. Disponível em: <https://share.google/IKNsBtZFPiKk54nEC>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ROCHA, Luiz Paulo Bezerra da; ALVES, João Victor de Oliveira; AGUIAR, Irievania Fidelis da Silva; SILVA, Francisco Henrique; SILVA, Roger Luis da; ARRUDA, Larissa Gomes de; Santello, L. C., Morales, M. A. M., & Bombini, M. F. Influência do conhecimento popular de plantas medicinais e a prática de atividade física na melhora da qualidade de vida. **Holos Environment**, v. 21, n. 2, p. 215–230, 2021.

SILVA, Rodrigo Vinícius Luz da; SOUZA, Rosely Tavares de; RANDAU, Karina Perrelli. Produção etnocientífica sobre o uso de plantas em comunidades quilombolas Brasileiras no século XXI. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 2, n. 13, p. 1-25, 2024.

SILVA, Tayse Gabrielly Leal da; JUVINO, Ellen Onara Rodrigues Santos; SILVA, Malena Aparecida da; BARBOSA, Amanda Vieira; MARIZ, Saulo Rios. O uso de plantas medicinais por idosos de uma comunidade quilombola na Paraíba. **In:** Congresso Internacional de Educação e Humanidades (CIEH), 2019. *Anais...* [S.l.]: Realize Editora, 2019.

SILVANO, Renato; Fisheries and Food Institute (FIFO), Campinas, SP, Brasil; Departamento de Ecologia, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

SIVIERO, Amauri; DELUNARDO, Thiago Andrés; HAVERROTH, Moacir; OLIVEIRA, Luis Claudio de; ROMAN, André Luis Cote; MENDONÇA, Ângela Maria da Silva. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. v. 9, n. 3, p. 797-813, 2014.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada “USOS POTENCIAIS DO ANGICO-PRETO (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan) EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO JOÃO DO PIAUÍ”. Esta pesquisa está sob a responsabilidade dos pesquisadores: Prof. Dra. Karen Veloso Ribeiro (Docente do IFPI - *Campus* São João do Piauí) e Jaciane Pereira Rodrigues (Discente do IFPI - *Campus* São João do Piauí), e tendo como objetivo apresentar o potencial medicinal do angico-preto (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), sob a ótica de uma comunidade quilombola Curral Velho. Valorizar o uso do angico-preto (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), na medicina tradicional, promovendo o conhecimento ancestral sobre suas propriedades terapêuticas. O estudo em questão procura descrever as práticas terapêuticas do angico-preto (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), desenvolvidas pela comunidade quilombola Curral Velho no município de São João do Piauí. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através dos seguintes telefones: Karen Veloso Ribeiro (86) 99510-4601 e Jaciane Pereira Rodrigues (89) 99416-4477. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina – PI, telefone (86) 2222-4824, e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

Neste contexto, justifica-se que a análise do tema é de suma importância para a sociedade por se concentrar no resgate e na valorização do conhecimento empírico, sobre o uso terapêutico de uma flora medicinal (angico-preto-*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenab), tendo em vista, que o uso de plantas medicinais ultrapassa gerações e tem resultados eficazes, ainda que seja de base popular. No entanto, estudar as propriedades do angico-preto são de grande relevância para a comunidade local e científica, por meio de esclarecimento de dados significativos sobre atividade biológica e terapêutica da planta. Desse modo, torna-se necessário compreender a história e as práticas de uso dessa espécie.

E para a realização da coleta de dados serão utilizados: Inicialmente será feito o contato do pesquisador com os moradores da comunidade quilombola por meio da técnica de “rapport”, cuja finalidade é assegurar os dados coletados e ganhar a confiança do entrevistado. Em seguida serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os moradores da localidade, a partir da aplicação de formulários contendo questões abertas e fechadas, sobre as práticas terapêuticas utilizadas pelo público-alvo. Vale ressaltar, que além das entrevistas e formulários aplicados, fotografias e gravadores de voz também serão empregados para consolidar e enriquecer a pesquisa.

Outro instrumento utilizado será o diário de campo. Esta ferramenta permite registrar todos os acontecimentos ocorridos durante o dia de trabalho, bem como as percepções e conclusões acerca dos sistemas culturais e das pessoas com as quais foram mantidas contato.

Ressalta-se que a exploração e a descrição das respostas obtidas serão analisadas qualitativamente, por meio da explanação de cálculos percentuais. Tais dados subsidiarão a construção de ilustrações, quadros e tabelas, auxiliando na discussão dos resultados encontrados.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas

regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu _____ declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- ☐ Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- ☐ Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- ☐ Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO B – INSTRUMENTO DE PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA		
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS Pesquisadoras: Karen Veloso Ribeiro e Jaciane Pereira Rdrigues		
 		
CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA COMUNIDADE TRADICIONAL		
Data de fundação da comunidade quilombola:		
Há rede de energia elétrica? () Sim () Não		
Há abastecimento de água: () Sim () Não		
Se sim, de que forma ocorre o abastecimento?		
Há rede de telefonia? () Sim () Não		
Há igreja? () Sim () Não		
Há escola? () Sim () Não		
Anotações		importantes:
DADOS SOCIOECONÔMICOS DO PARTICIPANTE		
Número da entrevista:	Data da entrevista:	Gênero:
Idade: () 18 a 24 anos () 25 a 59 anos () 60 anos ou mais		Renda: () < 1 Salário () 1 Salário () > 1 Salário
Profissão:		
Escolaridade: () Sem Escolaridade () Ens. Fund. Incompleto () Ens. Fund. Completo () Ens. Méd. Incompleto () Ens. Méd. Completo		

Estado civil: () Solteiro () Casado () Divorciado () Viúvo () União Estável		Nº de pessoas na família:
Naturalidade:	Tempo de moradia na comunidade quilombola:	Nº de filhos:
CULTURA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA		
Quais as festividades culturais da comunidade?		
DADOS ETNOBOTÂNICOS		
Você já fez/faz uso de plantas medicinais? () sim () não	Com que frequência: () Raramente () Às vezes () Frequentemente	
Você consome plantas medicinais? () Sim () Não		
Você consome as plantas medicinais: () Por hábito () Para curar as enfermidades () Como tratamento alternativo, devido ao seu baixo custo? Outra finalidade:		
Com quem você aprendeu fazer o uso de plantas medicinais? () Mãe/Pai () Avó/Avô () Amigo(a) () Vizinho(a) Outros:		
As plantas medicinais que você utiliza são todas encontradas na comunidade? () Sim () Não Se não, quais os outros locais que você obtém as plantas medicinais? 		
Você já indicou o uso de plantas medicinais para alguém, para o tratamento de alguma enfermidade? () Sim () Não		

Você já fez ou faz doação de plantas medicinais? () Sim () Não					
Se _____ sim, _____ para _____ quem?					

SABERES ETNOBOTÂNICOS					
Nome da planta	Para que serve?	Parte usada	Modo de usar	Tem alguma contra-indicação?	Local de cultivo
(<i>Anadenanthe ra colubrina</i> (Vell.) Brenan) Angico-preto.					